

## OS DESAFIOS DAS COMUNIDADES CAIÇARAS DO MUNICÍPIO DE ILHABELA FRENTE AO TURISMO<sup>\*1</sup>

*Silmara Elena Alves de Campos<sup>2</sup> (Licenciada - SME/PMI<sup>3</sup> -SPQMH<sup>4</sup>-NEFEF<sup>5</sup>//UFSCar<sup>6</sup>)*

*Luiz Gonçalves Junior (Doutor - DEFMH<sup>7</sup>-PPGE<sup>8</sup>-SPQMH-NEFEF/UFSCar)*

*Denise Aparecida Correa<sup>9</sup> (Doutoranda - PEPGH/PUC/SP<sup>10</sup> - SPQMH-NEFEF/UFSCar)*

### Resumo

O objetivo deste estudo é o de identificar as alterações na vida cotidiana das comunidades tradicionais caiçaras do município de Ilhabela, particularmente no que diz respeito aos impactos nos modos de vida e de trabalho diante da crescente urbanização provocada pelo aumento da demanda do turismo. O interesse por essa população específica advém de considerá-la enquanto um grupo social que apenas há algumas décadas começou a sofrer uma maior influência de transformações urbanas, particularmente por força do mercado turístico, que afetou e ainda afeta profundamente o modo de vida caiçara. Utilizamos como procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, iconografia e observações sistemáticas registradas em diário de campo. Apresentamos os dados referentes às observações da área urbanizada da Ilhabela e da visita inicial às comunidades de Bonete, Guanxumas de Búzios, Guanxumas da Ilha, Porto do Meio e Serraria, destacando-se: reorganização da natureza e grandes alterações urbanas na face oeste da Ilha de São Sebastião a partir da década de 60, abandono/alteração de festas populares/religiosas; turismo cada vez mais próximo das comunidades tradicionais de difícil acesso; dificuldade de sobrevivência caiçara a partir da pesca; forte influência da lógica de mercado da indústria turística nas comunidades tradicionais de fácil acesso; exclusão/recusa de alguns saberes caiçaras; área urbanizada da Ilha de São Sebastião tida como um modelo de sucesso e bem viver por alguns moradores das comunidades tradicionais, implicando no êxodo de algumas famílias em busca de oportunidades melhores de vida; propriedades cercadas/muradas existentes nas comunidades não pertencem às famílias caiçaras; presença dos quintais comunitários; moradores resistentes à presença e atuação da Prefeitura Municipal nas comunidades.

### Introdução

Na relação dialética existente entre ser humano e cidade, pode-se perceber que os corpos cidadãos considerados diferentes do padrão idealizado por aquela sociedade, foram/são excluídos ou segregados da vida das cidades. Isto nos permite afirmar que o espaço físico destinado a determinado grupo apresenta-se relacionado com o espaço que a sociedade a que este pertence lhe atribui.

---

**Referência:** CAMPOS, Silmara E. A.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CORRÊA, Denise A. Os desafios das comunidades caiçaras do município de Ilhabela frente ao turismo. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER – ÉTICA E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UCDB, 2005. (CD-ROM)

<sup>1</sup> Endereço: UFSCar/DEFMH - Via Washington Luiz, km235 – Bairro Monjolinho – CEP13565-905 – CP676 – São Carlos – São Paulo – Tel.: (16)3351-8769 – Fax: (16)3351-8294 - e-mail: [luiz@power.ufscar.br](mailto:luiz@power.ufscar.br)

<sup>2</sup> [silmaradecampos@yahoo.com.br](mailto:silmaradecampos@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura do Município de Ilhabela.

<sup>4</sup> Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana.

<sup>5</sup> Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física.

<sup>6</sup> Universidade Federal de São Carlos.

<sup>7</sup> Departamento de Educação Física e Motricidade Humana.

<sup>8</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

<sup>9</sup> [depiucorrea@ig.com.br](mailto:depiucorrea@ig.com.br)

<sup>10</sup> Programa de Estudos Pós-Graduados em História/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Têm sido intensas as mudanças nas relações sociais e culturais provocadas pelas alterações urbanas ocorridas nos espaços das cidades, entre outros motivos, ao incremento do turismo e ao conseqüente aumento de circulação de pessoas, de mercadorias e de empreendimentos destinados a este fim. Estas alterações sofridas dia-a-dia pelas cidades e seus habitantes originais tiveram, e ainda têm, um papel marcante sobre seus corpos, modos de vida e de produção (tradicionalmente pesca e/ou agricultura).

Com o atual predomínio da lógica do consumo, o lazer tem sido muitas vezes tratado enquanto mercadoria, deixando-se em plano secundário suas características lúdicas, educativas e de desenvolvimento pessoal e social, o mesmo ocorrendo com uma das possibilidades de usufruto do lazer: o turismo, que muitas vezes, *consume* espaços, épocas, curiosidades e a própria comunidade local. Sendo que tal consumo turístico pode se traduzir em degradação ou comercialização do ambiente e suas paisagens naturais, segregação social e espacial, excluindo/afastando os moradores locais de muitos espaços, por vezes até mesmo de suas moradias originais.

O objetivo deste estudo é o de identificar as alterações na vida cotidiana das comunidades tradicionais caiçaras do município de Ilhabela, particularmente no que diz respeito aos impactos nos modos de vida e de trabalho diante da crescente urbanização provocada pelo aumento da demanda do turismo. O interesse por essa população específica advém de considerá-la enquanto um grupo social que apenas há algumas décadas começou a sofrer uma maior influência de transformações urbanas, particularmente por força do mercado turístico, que afetou e ainda afeta profundamente o modo de vida caiçara.

### **O Turismo em Meio a Paisagens Naturais**

O turismo brasileiro cresceu muito nos últimos anos e expressiva parte deste turismo se concentra nas regiões litorâneas do país, sendo que, ao se observar tais regiões, se percebe uma “invasão” do turismo, através da construção de residências particulares, hotéis, pousadas, pensões, condomínios fechados, aeroportos, novas estradas, centros de lazer, quiosques e outros pontos comerciais, que se concentram, principalmente, na orla das praias. Não raro, a maior parte de tais construções funcionam apenas para veraneio ou em função dele.

O desenvolvimento do lazer e do turismo em meio a paisagens naturais pode trazer diversas vantagens à região onde se instala, tais como geração de empregos; promoção da preservação de recursos naturais, culturais e históricos; e o favorecimento ao desenvolvimento de consciência ambiental, especialmente quando há trabalho de educação ambiental junto às comunidades locais, turistas e visitantes. Ao mesmo tempo, pode afastá-las em função da comercialização destas paisagens através da especulação imobiliária; da empregabilidade de pessoas externas à comunidade local (em geral decorrente da baixa qualificação dos moradores originais para atendimento ao público e o pouco ou nenhum investimento dos Grupos Empreendedores e/ou do Poder Público Municipal neste sentido); e da elevação dos preços de mercadorias e serviços na cidade ou região (CAMPANHOLA & SILVA, 2002; LUCHIARI, 2002).

SCHWARTZ (2002) observa que o afastamento das pessoas umas das outras e a mesmice da vida nas grandes cidades têm produzido angústia e ansiedade nos indivíduos, os quais, por sua vez, sentem necessidade de distanciarem-se deste cotidiano urbano, buscando superar (*ou minimizar/compensar* – observação nossa) a rotina, o estresse e o embotamento das emoções.

Com o “avanço” do turismo nas regiões litorâneas (e em outras também), percebe-se o surgimento/crescimento da especulação imobiliária que acaba por influenciar os modos de viver da comunidade local, muitas vezes até as “expulsando” de seu *habitat*; a reorganização/artificialização da natureza; criação de acessos facilitados às praias, cachoeiras e nascentes visando à alta rotatividade das pessoas, dificultando, por outro lado, a criação de

vínculos entre os visitantes e a população local, tornando o contato das pessoas com o ambiente e seus atores superficial.

Assim, se faz necessária atenção em relação ao fluxo cada vez maior de pessoas em busca de contato com paisagens naturais, pois no mesmo sentido tem crescido a privatização ou terceirização de tais paisagens, corroborando, segundo LUCHIARI (2002) para que empresas se encarreguem de construir e gerir os equipamentos turísticos e de lazer transformando essas áreas em parques particulares destinadas exclusivamente à obtenção de lucro e, mesmo as modalidades de turismo de natureza que aparentemente estão mais próximas de uma concepção de sustentabilidade são, por vezes, limitadas pelas estratégias de mercado e políticas públicas que tomam a natureza como uma mercadoria valorizada, tornando áreas naturais de exclusivo uso das elites econômicas.

Em contraponto a este tipo de visão exploratória acima caracterizada, tem-se discutido a alternativa do turismo sustentável, a qual, de acordo com o documento “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo” (BRASIL, 1994), elaborado pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) em conjunto com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) trata-se de:

*“...um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (BRASIL, 1994, p.19).*

Mesmo eventuais setores da comunidade (local ou externa) que tenham visão exploratória de lucro devem levar em consideração, através de programas de políticas públicas voltadas à temática do lazer e do turismo, que a degradação do ambiente (atributos naturais e autênticos) reduzirá consideravelmente a demanda de turistas/visitantes e, conseqüentemente, as possibilidades de retorno financeiro.

## **O Município de Ilhabela**

Localizado no litoral norte paulista (distante 230 Km da capital do Estado de São Paulo, e contando com 20.836 habitantes, sendo 20.589 na zona urbana e 247 na zona rural)<sup>11</sup>, o município de Ilhabela é um arquipélago composto pelas Ilha de São Sebastião, de Vitória, Búzios, das Cabras, Sumítica (desabitada) e da Serraria, tendo a maior concentração populacional na faixa voltada para o canal de São Sebastião (área urbanizada).

Economicamente o município, até a década de quarenta, vivia da atividade agrícola, desenvolvendo principalmente o plantio da cana-de-açúcar e a fabricação de cachaça, sendo que também teve na área pesqueira uma atividade bem desenvolvida. Em decorrência do município ser recoberto, em sua maior parte, pela mata atlântica e apresentar características geográficas e climáticas que lhe dão um grande potencial turístico, atualmente sua economia está centrada no turismo<sup>12</sup>. O turismo desenvolveu-se com mais intensidade a partir dos anos 60 (com o advento da balsa em 1959).

Até a década de 50, quando começaram a chegar os primeiros migrantes e turistas (vindos principalmente da capital paulista), a população do município era genuinamente caiçara<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Dados obtidos no site [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

<sup>12</sup> Dados obtidos no site [www.ilhabela.sp.gov.br/homepage.html](http://www.ilhabela.sp.gov.br/homepage.html)

<sup>13</sup> Dados obtidos no site [www.ilhabela.sp.gov.br/homepage.html](http://www.ilhabela.sp.gov.br/homepage.html)

Como foi descrito no item anterior, o turismo pode ser bastante polêmico, pois, como qualquer outra prática social, ela pode gerar conseqüências positivas e negativas: ao mesmo tempo em que ela gera empregos, e estimula investimentos, ela pode provocar alterações nos modos de vida e de trabalho, bem como nas paisagens naturais e espaços urbanos, por exemplo.

No município de Ilhabela isso não foi exceção, principalmente nas comunidades caiçaras, que sofreram profundas alterações.

*“À medida que a atividade turística passou a ser difundida e consolidada em Ilhabela, começaram as transformações culturais e sociais. As comunidades caiçaras sofreram diversas mudanças e interferências da nova atividade, desde a cultura, os costumes, até a organização em sociedade e a relação com a natureza e com o trabalho.” (VILLELA, 2003, p.24-5).*

Segundo VILLELA (2003), com a chegada da indústria do turismo na cidade, as novas relações introduzidas afetaram profundamente o caiçara, provocando seu deslocamento físico e social. Os caiçaras passaram a se instalar em locais mais afastados da praia e do centro, perdendo seus lugares. As comunidades que, de alguma maneira mantiveram sua cultura ficaram isoladas geograficamente.

## **Metodologia**

Como procedimentos metodológicos utilizamos, além da revisão bibliográfica e documental, iconografia e observações sistemáticas registradas em diário de campo.

Na pesquisa iconográfica, consideramos as fotos como instrumentos que nos possibilitaram uma análise comparativa entre o passado e o presente, nos permitindo uma compreensão acerca da constituição do município de Ilhabela e alterações nos meios urbano e natural. Consideramos as fotos enquanto documentos históricos que possibilitaram o desvelar do processo de transformação urbana e os lazeres do passado e do presente da região, pois, de acordo com KOSSOY (1985), a fotografia representa de forma testemunhal, uma parcela da realidade congelada em tempo e espaço determinados, possibilitando a reconstituição de vários aspectos da cena passada.

Em diário de campo, registramos sistematicamente os acontecimentos observados em cada visita realizada, quer seja na área urbanizada de Ilhabela, quer seja em alguma das comunidades tradicionais caiçaras, sendo que foram visitadas e observadas até o momento as comunidades de Bonete, Guanxumas de Búzios, Guanxumas da Ilha, Porto do Meio e Serraria.

Antes de iniciarmos as observações ocorreu inserção nossa (pesquisadores) na comunidade, realizando interação com seus membros e observação dos seus modos de vida a cada visita, buscando aperfeiçoar o nosso olhar, junto às comunidades que nos era, em certa medida, estranha. Sendo também nós, em certa medida, estranhos a eles. Pois:

*“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação,*

*cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA BONDÍA, 2002, p.24).*

Também houve cuidado para não imposição de saber, já que acreditamos que “se a referência para o saber é o profissional, tal postura dificulta a chegada até o saber do outro. Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, a partir das suas vivências, que são vividas de uma forma distinta daquela vivida pelo profissional” (VALLA, 1996, p.179).

Há intenção, para a próxima fase da pesquisa, sem descuidarmos dos registros em diários de campo, de também realizarmos entrevistas com a comunidade caiçara ilhabelense. Tais entrevistas serão pautadas pela fenomenologia, modalidade fenômeno situado (MARTINS e BICUDO, 1989; MARTINS, 1992; GONÇALVES JUNIOR, 2003).

### **Resultados Parciais**

Os resultados aqui apresentados se referem à análise das imagens fotográficas do passado e do presente, bem como às observações realizadas durante as visitas realizadas às comunidades de Bonete, Guanxumas de Búzios, Guanxumas da Ilha, Porto do Meio e Serraria, bem como às observações das transformações ocorridas na face oeste da Ilha de São Sebastião (urbanizada). Destacamos:

- sobrevivência caiçara dificultada a partir da pesca;
- aumento do número de propriedades cercadas/muradas nas comunidades tradicionais, não pertencentes a famílias caiçaras originais do local;
- os quintais comunitários, típicos entre os caiçaras, ainda se fazem presentes em algumas comunidades e em alguns bairros da face urbanizada da Ilha de São Sebastião;
- a área urbanizada da Ilha de São Sebastião se apresenta como um modelo de sucesso e bem viver, para alguns moradores das comunidades tradicionais, o que acaba por provocar o êxodo de algumas famílias para o local em busca de oportunidades melhores de vida em outros modos de trabalho;
- a face oeste da Ilha de São Sebastião teve grande parte de sua natureza reorganizada e sofreu grandes alterações urbanas a partir da década de 60, devido, principalmente, a implantação da balsa e ao conseqüente implemento do turismo (Fotos 1 e 2);
- festas populares religiosas alteradas ou abandonadas; destacando-se a Congada e o Caiapó (Fotos 3 e 4);
- resistência de alguns moradores à presença e atuação da Prefeitura Municipal na comunidade;
- turismo cada vez mais próximo das comunidades tradicionais caiçaras, apesar das dificuldades de acesso (Fotos 5 e 6), porém, lugares outrora de acesso mais difícil, já sentem uma maior presença do turismo, destacadamente na comunidade caiçara de Castelhanos (Foto 7);
- exclusão/recusa de alguns saberes caiçaras tal como a recusa de alguns integrantes das comunidades em aprender/continuar o trabalho nas casas de tráfico de farinha de mandioca (Foto 8), os quais buscam outros modos de trabalho na área urbanizada de Ilhabela.



**Foto 1:** Rua da Praça Julião M. Negrão, localizada no centro histórico de Ilhabela antes da implantação da balsa (1959) e ampliação da demanda turística - provavelmente década de 1940. (Fonte: Sociedade Amigos da Biblioteca de Ilhabela).



**Foto 2:** Mesma Rua mostrada ao lado - 2005. (Fonte: Ricardo R. Santos, acervo pessoal).



**Foto 3:** Congada - provavelmente década de 1940. (Fonte: FUNDACI).



**Foto 4:** Congada - 2005. (Fonte: Ricardo R. Santos, acervo pessoal).



**Foto 5:** Estiva de acesso a Ilha Vitória - 2005. (Fonte: acervo fotográfico da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Município de Ilhabela).



**Foto 6:** Estiva de acesso a Guanxumas de Búzios - 2005. (Fonte: Isaac Guimarães Abreu).



**Foto 7:** Praia de Castelhanos, onde vive uma das comunidades tradicionais caiçaras ilhabelenses, mas que já sofre impacto considerável do turismo em decorrência de relativa facilidade de acesso através de veículos *off road*, havendo

inclusive empresas turísticas oferecendo serviço de transporte nestes veículos a turistas – 2005. (Fonte: Ricardo R. Santos, acervo pessoal).



**Foto 8:** Casa de tráfico de farinha de mandioca, outrora fonte de renda dos moradores originais da comunidade de Guanxumas da Ilha, atualmente abandonada pelos trabalhadores – 2005.

## Considerações

Percebemos, pelos dados parciais coletados, que a sobrevivência caiçara a partir da pesca, está cada vez mais dificultada com o incremento do turismo, pois os lugares normalmente de moradia original (próximo às praias) destes habitantes têm sido pouco a pouco deslocados, passando a haver nestes locais pousadas, casas de veraneio, bares e restaurantes voltados ao atendimento do turista.

Neste sentido, os caiçaras que não se refugiam no “sertão” (assim por eles denominadas as áreas mais distantes das praias, menos habitadas, exploradas e valorizadas) de Ilhabela deslocam-se para a área urbanizada da Ilha de São Sebastião (a qual se encontra com paisagem extremamente reorganizada após a implantação da balsa – 1959 - e incremento do turismo), em busca de melhores oportunidades de vida em outros modos de trabalho.

Além da pesca, outro modo de trabalho que tem sido abandonado, é o do fabrico da farinha de mandioca, que se deve tanto à desvalorização social/profissional/econômica de parte dos novos habitantes e turistas deste saber, como a recusa de alguns integrantes das comunidades em aprender/continuar o trabalho nas casas de tráfico.

Observamos também que, mesmo lugares outrora de acesso mais difícil, já sentem a presença do turismo, destacadamente na comunidade da Praia de Castelhanos, na qual a influência da lógica de mercado da indústria turística já se faz marcante.

São ainda visíveis alterações, e mesmo algum abandono, das festas populares religiosas, como a Congada e o Caiapó.

Entendemos que tais considerações merecem aprofundamentos/esclarecimentos, os quais deverão ocorrer com a continuação das visitas as comunidades e registros em diários de campo, bem como, através do início das entrevistas.

Compreendendo, porém o lazer e o turismo como práticas sociais e que os caiçaras (comunidade local original) devem influir e participar nas decisões que afetam diretamente suas vidas, desde logo apontamos a necessidade de ampliação do diálogo entre poder municipal e comunidade no que diz respeito a políticas públicas, primando pelo turismo de mínimo impacto, observando a sustentabilidade do meio natural e a preservação/valorização da cultura caiçara.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. MICT/MMA. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: Embratur/Ibama, 1994.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. O lazer e o novo rural. In: BRUHNS, Heloísa T., GUTIERREZ, Gustavo L. (orgs.). **Enfoques contemporâneos do lúdico**: III ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados / Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Lazer e novas relações de trabalho em tempos de globalização**: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal. 2003. Tese (Pós-Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. URL: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 10/03/2004.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. 2ª ed. Recife, 1985.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002, p.20-28.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. A mercantilização das paisagens naturais. In: BRUHNS, Heloísa T., GUTIERREZ, Gustavo L. (orgs.). **Enfoques contemporâneos do lúdico**: III ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados / Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como poíesis. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Moraes/EDUC, 1989.

**Prefeitura da Estância Balneária de Ilhabela**. URL: <http://www.ilhabela.sp.gov.br/homepage.html>. Acesso em 07/07/2004  
SCHWARTZ, Gisele M. Emoção, aventura e risco: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, Leila M. S. M. (org.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p.139-168.

VALLA, Victor V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**, 21(2), 1996, p.177-190.

VILLELA, A. **Favelização no litoral norte**: um modelo de turismo e seu impacto na estrutura urbana. Monografia (Graduação) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. 2003.